RESENHAS

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 2015.

Metafísicas Canibais: elementos para uma antropologia estrutural São Paulo: Cosac Naify, 1ª ed., 288p.

Iarbas Couto e Lima^a

'Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia estrutural', o livro do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro recém lançado no Brasil (Cosac Naify, 288 páginas, 36 reais) é um clássico precoce da antropologia, embora vise um público de não especialistas, ou, talvez, por isso mesmo. Publicado originalmente em francês (Metaphysiques Canibales. Paris: PUF, 2009), 'Metafísicas Canibais' possui, segundo o próprio autor, o estatuto incomum de uma resenha. Resenha de 'O Anti-Narciso', um livro imaginário que funciona como uma espécie de metadiscurso ideal dos argumentos desenvolvidos por Viveiros de Castro.

O leitor observará, entretanto, que ao dar o estatuto de resenha a seu livro, o autor não quer compará-lo a um esboço de uma teoria em construção, um andaime, como diria habitualmente Freud. Pelo contrário, 'Metafísicas Canibais' é um conjunto de reflexões amadu-

a Professor Associado da Universidade Federal do Maranhão, e-mail: jarbasclear@gmail.com.

recidas na longa e rica carreira antropológica de Eduardo Viveiros de Castro. O livro é deslocado do seu lugar próprio, numa manobra de mestre, para tornar-se o anti-reflexo narcísico de uma teoria multiautoral e permitir a deflexão, a autocrítica, do pensamento antropológico (inclusive, o do próprio autor) a partir de um ponto de vista outro. O lugar de espelho, de um 'eu ideal' especular atribuído a 'O Anti-Narciso' é perceptível, se considerarmos, com o autor, que a obra imaginária, fantasma de 'Metafísicas Canibais', "nunca será escrita", simplesmente, porque já fora escrita "por outros".

A silhueta teórica de 'Metafísicas Canibais' desenha um ponto de encontro em que as águas antropológicas concorrentes são inimista e rizomaticamente desviadas de seu curso 'normal' e canalizadas numa sentido mais profícuo. Na linha argumentativa principal, o livro acolhe as tensões conceituais da antropologia contemporânea desnaturando-as pela força selvagem da pergunta central de 'O Anti-Narciso': "o que deve conceitualmente a antropologia aos povos que estuda?" Uma questão que o autor considera política, precisamente, por ser epistemológica. Na medida em que, se a antropologia é um saber resultante da relação entre povos, o que é posto em questão no estatuto epistemológico desse saber implica também em interrogar a amizade narcísica que a *filo-sofia* clássica nutre pelo saber em si.

Dentre os muitos autores de 'O Anti-Narciso' com o qual Viveiros de Castro dialoga podemos sentir a presença da contribuição de Tânia Stolzo Lima. Sua etnografia é o ponto de partida para a aspiração amorosa, para esse suspiro romântico transmodernista exalado em 'Metafísicas Canibais'. O conceito de perspectivismo ameríndio, central no livro, articula a contribuição etnográfica de Tânia Stolzo Lima em duas novas vertentes: a "requalificação do procedimento antropológico" e a construção de uma utopia política, o "despertar de alguns possíveis". A primeira vertente, inspirada na "metafísica da predação" de Lévi-Strauss, um dos protagonistas de 'O Anti-Narciso', revela a transformação estrutural dos conceitos indígenas pela filosofia contemporânea. A segunda, no

próprio compromisso com o devir de mundos possíveis da filosofia Deleuziana.

Deduz-se da leitura da 'resenha' de 'O Anti-Narciso' a presença indelével de Oswald de Andrade, pioneiro em estabelecer a conexão 'inimista' entre filosofia do por vir e os conceitos indígenas. 'Metafísicas Canibais' se inscreve, portanto, na tradição antropofágica oswaldiana de tomar-se a relação ao outro 'outramente'. A partir da qual reposiciona a relação corpo e alma no jogo de corpos antropofágicos. Na antropofagia oswaldiana, o corpo, portanto, não apenas fala, anda, como também pensa, quer, devora e se transforma pela alma das coisas, pensadas, desejadas, devoradas. Assim também como na cosmologia ameríndia, a alma é um atributo imanente a todas as coisas; o corpo, ao contrário, é um devir, em construção permanente na relação com seres e coisas.

Consequentemente, as teorias antropológicas triviais não passariam, assim, de versões regurgitadas das práticas de conhecimento indígenas, possuindo com eles estrita continuidade ontológica. Ainda que se vejam como frutos de um processo cognitivo ocidental exclusivo, não deixam de revelar-se como conhecimento indígena estruturalmente transformado. Ao reconhecer e afirmar o conhecimento indígena como base, a 'antropologia menor' de Eduardo Viveiros de Castro realiza, portanto, uma dupla torção, política e epistemológica. Do ponto de vista epistemológico tem o pendão de atualizar as relacões do eu ao Outro, numa perspectiva não determinista. Ou seja, numa concepção em que o eu e o Outro se superpõem de forma 'indecidível', ou seja, nem o eu determina o Outro nem o Outo determina o eu, mas ambos se influenciam mutuamente. A noção de perspectivismo desenvolvida em 'Metafísicas Canibais', apoiada no pensamento ameríndio e na estrutura diferencial própria do mito, pressupõe uma identidade virtual de fundo entre, eu e Outro, entre humanos e não-humanos, a partir da qual podem ser vistos e afirmados em suas diferenças. Desta forma a própria diferença (humano/não humano) é trazida para o interior de cada existente, humano ou não-humano.

Num sentido em que a diferença entre os pontos de vista é, ao mesmo tempo, 'anulada e exacerbada'. Numa passagem o autor afirma: "Essa parece-me ser, em última análise a ideia de alma nas antologias indígenas. Se todos os seres têm alma, nenhum deles, ninguém, coincide consigo mesmo" (2015:62).

Onde, então, se construiriam as diferenças sob esse fundo virtual anímico dos seres? A resposta é simples: no corpo. As diferenças entre os pontos de vista não estariam na alma, mas no corpo, "como um conjunto de maneiras ou modos de ser que constituem um habitus, um ethos, um ethograma (o que come, como se move, onde vive, se é gregário ou solitário, tímido ou agressivo)" (2015:66) Assim como no estruturalismo, o pensamento ameríndio consistiria num processo de transformação, de tradução do ser do outro. Num processo de comunicação equívoco que se dá pela diferença. "É comunicar pela diferença, em vez de silenciar o Outro ao presumir uma univocidade originária e uma redundância última- uma semelhança essencial- entre o que eles e nós estávamos dizendo." (2015:91).

Em duas passagens fundamentais de 'O Anti-Narciso', citações de 'O totemismo hoje' e 'O pensamento selvagem', Eduardo Viveiros de Castro localiza um "contraste paradigmático" estabelecido por Lévi-Strauss entre "totemismo" e "sacrifício", a partir do qual distingue o "canibalismo místico-funerário" das culturas andinas e mesoamericanas do "canibalismo bélico sociológico", próprio dos Tupinambás. A distinção entre essas duas formas de predação estaria em que a predação tupinambá implicaria a questão da afinidade e da identificação com o inimigo, não com entidades sobrenaturais. Uma vez que, no ritual antropofágico, o oficiante executor do cativo , que será beneficiado com direitos sociais na tribo se entregava a um processo de identificação com o inimigo a quem acabara de executar.

Viveiros de Castro diferencia sua interpretação do canibalismo daquela realizada por Florestan Fernandes em 'A função social da guerra na sociedade Tupinambá', para quem "o sacrifício se dirigia aos espíritos dos mortos do grupo, vingados e celebrados pela execu-

ção do cativo na guerra" (2015:158). O autor de 'Metafísicas Canibais' contesta a ideia de entidades sobrenaturais envolvidas no canibalismo tupinambá. Sua abordagem de cunho estruturalista estabelece uma analogia entre o canibalismo funerário araweté e o canibalismo sociológico tupi. Assim,

"os mai araweté (as divindades) ocupavam o lugar que, no rito tupinambá, era ocupado pelo grupo em função do sujeito – o grupo do matador e seus aliados, que devorava o cativo -, ao passo que o lugar do objeto do sacrificio, o cativo do rito tupinambá, era ocupado pelos mortos araweté. Os viventes araweté, por fim, ocupavam o lugar do co-sujeito que, nos Tupinambá, era ocupado pelo grupo inimigo, aquele de onde a vítima era extraída. A transformação, em suma, que o canibalismo divino araweté efetuava sobre o canibalismo humano tupinambá não dizia respeito ao conteúdo simbólico dessa prática ou a sua função social, mas a um deslocamento pragmático, uma torção uma translação de perspectiva que afetava os valores e as funções de 'sujeito' e 'objeto', de 'meio' e de 'fim', de 'si' e de 'outrem'" (Viveiros de Castro 2015:159).

Esse movimento de 'torção' ou 'translação' de perspectiva indicaria uma propriedade da antropofagia tupinambá. Um 'esquema actancial' definido como processo de transmutação de perspectivas que compreende o movimento assim descrito: "O eu se determina como outro pelo ato mesmo de incorporar este outro, que por sua vez se torna um eu, mas sempre no outro, através do outro (através também nos sentido solecístico de 'por meio de')" (Viveiros de Castro 2015:159).

Desse modo, o livro responde a uma questão crucial do canibalismo tupinambá e da relação eu/Outro: o que do inimigo é devorado, precisamente?

"a relação do inimigo com o devorador, sua condição de inimigo. O que se assimilava da vítima eram os signos de sua alteridade, e o que se visava era essa alteridade como ponto de vista sobre o Eu (...) autodeterminação recíproca pelo ponto de vista do inimigo" (Viveiros de Castro 2015:159-160).

'Metafísicas Canibais' traz, assim, à baila um modelo de sociabilidade baseada num tipo de 'economia da alteridade predatória', cuja

"interioridade do corpo social é integralmente constituída pela captura de recursos simbólicos – nomes e almas, pessoas e troféus, palavras e memórias – do exterior. [...] Uma sociedade sem interior que não é senão fora de si" (2015:161-162). A economia da predação corresponde, assim, a um modelo distinto de sociabilidade que projeta um mundo baseado numa 'ficção antropológica', da qual se deve extrair consequências para a experiência, na construção de um mundo por vir. Trata-se, para ele, menos de uma interpretação do pensamento ameríndio do que de realizar uma experiência com esse pensamento. Experiência presente na própria escrita do livro. Ao concebê-lo como uma resenha de um livro imaginário, o autor vincula a existência de 'Metafísicas Canibais' à exterioridade perspectiva de 'O Anti-Narciso'. Realiza assim uma experiência literária a partir de pressupostos intelectuais gerados nas entranhas dos povos ágrafos amazônicos.

Recebido em julho de 2017. Aprovado em dezembro de 2017.